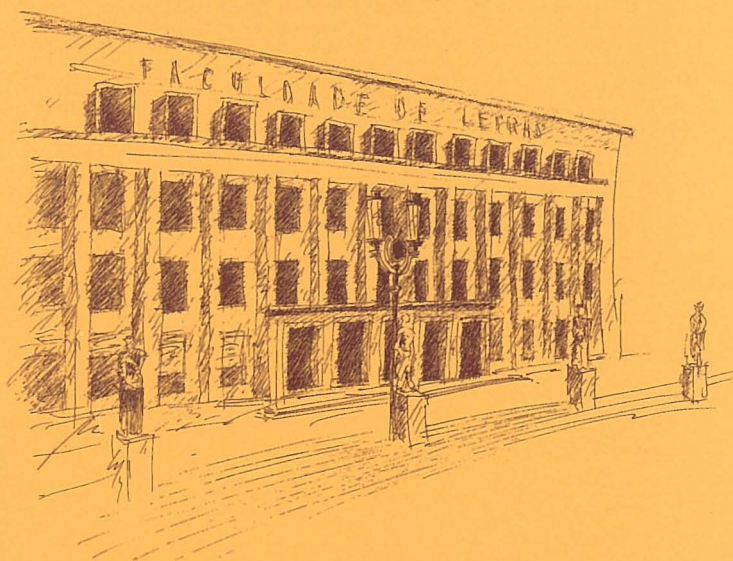


DELFIN F. LEÃO
Coordenação

Instituto de Estudos Clássicos

Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra
Imprensa
da Universidade
2005



Fundação Eng. António de Almeida

DELFIN F. LEÃO
Coordenação

Instituto de Estudos Clássicos

Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra
Imprensa
da Universidade
2005



Fundação Eng. António de Almeida

Coordenação editorial

Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica

António Barros

Execução gráfica

Imprensa de Coimbra, Lda
Couraça dos Apóstolos, 126
3000-372 Coimbra

ISBN

972-8704-44-5

Depósito Legal

224950/05

© 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

(Página deixada propositadamente em branco)

SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

10 de Maio de 1944

«Sob a presidência do Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Maximino Correia, efectuou-se em 10 de Maio de 1944, pelas 16 horas, no edifício da Faculdade de Letras, o acto público de inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, um dos mais novos centros culturais integrados nesse estabelecimento de ensino superior.»

[notícia publicada no volume inaugural da *Humanitas*]

Alocução do Prof. Francisco Rebelo Gonçalves

Senhor Reitor da Universidade:

Senhor Director da Faculdade de Letras:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Decorrido precisamente um ano e meio após a data da sua fundação, pois foi em 10 de Novembro de 1942 que o Conselho da Faculdade de Letras deliberou criá-lo, mas volvido apenas um semestre sobre o início da sua regular organização, pois foi só no princípio deste ano lectivo que as respectivas bases se fixaram, efectua hoje o Instituto de Estudos Clássicos a sua sessão inaugural. Acto solene, claro está, como não poderia deixar de ser, encontrando-se presentes o digno Reitor e vários ilustres representantes do claustro universitário. Acto sóbrio, porém, apesar da solenidade, como parece convir a um centro de estudos que surge discreta e modestamente, sem alardes nem

ostentações, tão exclusivamente empenhado em cumprir os seus desígnios, que nem terá tempo para se ufanar de ser o primeiro do seu género entre nós criado. E não se estranhará, por isso, que o novo instituto, na falta de sala própria onde pudesse efectuar a cerimónia, tenha preferido à “aula magna” da sua Faculdade o recato da sala de conferências do vizinho Instituto de Estudos Brasileiros, que, diga-se de passagem, oxalá seu vizinho continue a ser, em morada futura, e o seja com os projectados Instituto de Estudos Portugueses e de Estudos Espanhóis, para que juntas floresçam, dentro da mesma Faculdade, a nossa cultura, as duas culturas mais irmãs da nossa e a cultura clássica, mãe de todas três.

Falando aqui pela Direcção do Instituto de Estudos Clássicos (e quanto deploro que não possa também fazê-lo o Sr. Prof. Carlos Simões Ventura, impedido de comparecer!), julgo dever começar por algumas expressões de reconhecimento.

É sabido que o essencial de um instituto de investigação filológica consiste numa biblioteca especializada e tão metodicamente organizada quanto possível: os aparelhos, próprios de outros centros de investigação, cedem aqui o lugar a textos e dicionários, a tratados e dissertações, a revistas e boletins. Pois bem; não se conseguiria tão cedo um núcleo fundamental de livros e publicações periódicas, sem o qual seria prematura e injustificável a cerimónia de hoje, se não fosse a valiosíssima cooperação de muitos estrangeiros e nacionais, em condições bem significativas. É de frisar que a biblioteca do Instituto de Estudos Clássicos se iniciou sem qualquer auxílio material do Estado e que, tendo tido primícias mais que modestas, já agora conta alguns milhares de volumes, graças ao mecenatismo de diversas entidades e instituições.

Merecem especial agradecimento, pela sua extensão e real valia, as contribuições recebidas dos distintos leitores e docentes estrangeiros desta Faculdade. Cito, por este motivo, os nomes Albin Beau, de Horace Cartledge, de Jean Rousé e de Vincenzo Spinelli, lembrando a propósito que neste último teve o novo instituto o seu primeiro contribuinte; e junto-lhes, com viva simpatia, os nomes de Emile Planchard, de Joseph Piel, de Luigi Panarese, de Walter Witcomb. Todos, afinal, igualmente interessados em trazer até aqui a bibliografia clássica dos respectivos países, dando consolador exemplo do que ainda pode a fraternidade universitária, por entre as conturbações de um mundo onde quase todas as fraternidades se vão perdendo.

Mas não são menos para agradecer, além destas contribuições individuais, as que têm vindo ou estão a vir de instituições estrangeiras com sede entre nós, como o Instituto Britânico, o Instituto de Cultura Italiana e o Instituto Francês de Portugal; de agremiações europeias de cultura clássica, como o Instituto de Estudos Romanos, da capital italiana, e o Instituto Romeno de Estudos Latinos, de Bucareste; e até de estabelecimentos universitários bastante afastados de Portugal, como a Faculdade de Letras de Angorá, donde nos virão muito em breve alguns espécimes da produção humanística da Turquia contemporânea. Em boa verdade, porém, ainda nestes casos se trata de contribuições individuais, porque a munificência das instituições científicas é afinal, por via de regra, de quem as governa e orienta. Por isso, eu não saberia, dirigindo agradecimentos aos citados organismos, deixar de referi-los a várias distintas personalidades: aos ilustres Srs. Pierre Hourcade, George West e Gino Saviotti, directores dos Institutos que em Portugal mais alto representam as culturas francesa, inglesa e italiana; ao Prof. Herescu, sábio presidente do Instituto Romeno de Estudos Latinos; ao Dr. Carlo Galassi Paluzzi, infatigável presidente e animador do Instituto de Estudos Romanos, por cuja deliberação iremos receber as monumentais publicações desse grande centro cultural, hoje, sem dúvida, o maior fomentador e propulsor de latinidade; enfim, aos Profs. Sevket Aziz Kansu e Lûtfullah Herdem, respectivamente decano da Universidade e director da Faculdade de Letras da capital turca, com os quais me foi dado travar relações por intermédio do distinto escritor, actual secretário da Legação de Portugal em Angorá, Dr. Luís Norton de Matos. E a outros mais nomes eu aludiria, com certeza, se as presentes dificuldades de comunicação não fossem estorvo a todas as relações culturais; pelo menos, assinalaria algum serviço de benemérito secretário da Sociedade de Estudos Latinos de Paris, Prof. Marouzeau, de cuja boa vontade para com o Instituto de Estudos Clássicos tenho gratíssimo conhecimento.

Por outro lado, também a portugueses devemos gratidão. Não apenas aos directores de bibliotecas públicas, de corporações científicas e de estabelecimentos de ensino que de bom ânimo nos têm remetido publicações diversas; não apenas a vários autores de livros didácticos latinos, a cuja fineza e generosidade nunca recorreremos baldamente; não apenas, ainda, aos mais directos coadjuvantes da nossa actividade, todos eles dedicadíssimos, como tem sido o meu bom amigo Dr. Francisco Moraes, em valiosas funções de conservador; mas também, e muito especial, a individualidades universitárias sem o apoio das quais faltariam condições imprescindíveis para a criação, em

moldes científicos modernos, de uma biblioteca de filologia clássica. Refiro-me, como é óbvio, às autoridades escolares de quem o Instituto de Estudos Clássicos mais tem recebido, até agora, favor e estímulo. E, se entre estas muito me cumpre lembrar o actual director da Faculdade de Letras, Prof. Amorim Girão, por um sem-número de manifestações e penhorantes testemunhos de solidariedade; se entre as mesmas tenho de recordar o director precedente, Prof. Providência Costa, a quem todos os institutos da Faculdade, antigos ou novos, em boa parte devem, com as melhores condições para florescerem, a própria circunstância de existirem; não me importa menos salientar a prestigiosa figura que hoje nos honra com a sua presidência e que, professando embora, como mestre universitário, ciência muito diversa das matérias gregas e latinas, não raras vezes tem patenteado espírito e alma de humanista, espírito, na verdade, profundamente compreendedor das virtudes da cultura clássica e alma sinceramente desejosa de que fados bons a favoreçam. Senhor Reitor: nunca saí do gabinete de V. Ex.^ª, aonde tanto tenho ido pedir para o mais jovem instituto da minha Faculdade, que não me apetecesse vir proclamar aos oficiais do mesmo ofício: «O nosso Reitor tem o nosso credo.»

Ditas estas palavras de agradecimento, poderia seguir-se uma exposição circunstanciada do programa de trabalho a realizar. Como, porém, este programa já foi enunciado noutra altura¹, com certa soma de pormenores, dispensar-me-ei de o analisar em substância, limitando-me a insistir no espírito que deverá nortear o seu exacto cumprimento. E esse há-de ser um espírito de rigor científico de que por todos os meios se fará constante e aturada observância, para que o novo instituto possa estar à altura da missão que se impõe e ao mesmo tempo continue as normas de meticulosidade crítica e de escrupulo doutrinal que têm tradição no grupo de Filologia Clássica desta Faculdade. Por fortuna, indica-nos este rumo uma sombra permanentemente inspiradora, a sombra indelével do Prof. Gonçalves Guimarães, prolongada no que foi o melhor discípulo de tão notável mestre, o muito sábio professor Dr. Simões Ventura. Ele nos acompanhará, essa veneranda imagem, apontando-nos o caminho da justeza em tudo o que houvermos de fazer pela causa das letras antigas, quer se trate da preparação e orientação de monografias escola-

¹ Em 18 de Outubro de 1943, na oração de sapiência proferida na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.

res, de trabalhos de seminário como alguns que já estão em curso, quer da feitura de obras com maior amplitude, como vai ser a revista *Humanitas* e algum dia será uma coleção de autores latinos e gregos, quer do simples auxílio ou patrocínio de empreendimentos alheios, como a projectada e muito simpática fundação do Centro de Estudos Humanísticos de Estudantes.

Demais a mais, permita-se-me notá-lo, o exemplo do Prof. Gonçalves Guimarães, estando vivo em páginas de obras suas, subsiste e perdura sobretudo, dentro desta casa, em repercussões e reflexos directos do seu ensino catedrático. Ainda há pouco, lendo um relato da sua orientação docente, contido no manifesto de 1919 que a Faculdade de Letras de Coimbra dirigiu ao País, se me representou o que ela devia ter sido em precisão doutrinária e minúcia crítica, - facetas primordiais do mestre que entre nós implantou a leitura restaurada do latim, trouxe para a exegese dos textos os recursos de um espírito eminentemente lógico e por muitas outras formas venceu a rotina no ensino superior das velhas humanidades. Ora é com o espírito tão bem patente nesse relato, com esse claro e metódico espírito de rigor científico, que de todo se conforma e se identifica a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, ansiosa de concorrer com ele para o renascimento da nossa cultura humanística, até aqui impedido por dois males funestos: o vezo da improvisação e o amadorismo, que infelizmente grassam, quais males epidémicos, no nosso campo de estudos gregos e latinos, não menos que na área nacional da filologia portuguesa, a qual ninguém já diria, tão mudada está, ter sido a ciência de Carolina Michaëlis e de José Leite de Vasconcelos.

Depois destas considerações preliminares, que não poderiam ser omitidas, começaremos imediatamente a trabalhar, porque de propósito se quis que esta sessão pública fosse uma sessão de trabalho, e não de simples formalidade proemial. Passaremos, por isso, a ouvir, dentro de momentos, numa exposição sobre tema de incontestável interesse - "Os estudos clássicos na Roménia" -, o prelector especialmente escolhido para este acto, o ilustre e sapiente latinista da Universidade de Bucareste Sr. Doutor Victor Buescu, que tenho a honra e a satisfação de apresentar a VV. Ex.ª.

E será caso para se dizer, minhas Senhoras e meus Senhores, que em boa hora se conseguiu, para a inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, uma colaboração científica não apenas valiosa, mas de múltiplo significado. Em primeiro lugar, não pode ser-nos indiferente que Portugal e a Roménia, vergönteas da mesma estirpe latina, concorram nesta hora, por meio de uma palavra erudita, a celebrar o mesmo culto: tocam-se deste modo, com simbó-

lico valor, os dois extremos da latinidade. Além disso, uma síntese do que os romenos têm feito pelas humanidades antigas bem pode ser-nos sugestão e exemplo: filhos de um país pequeno, onde tanto decaíram grego e latim, meditemos no renascimento clássico de um país não muito grande, considerando o vasto saber dos seus helenistas e latinistas, a ciência nova que eles acumulam em revistas especializadas, a operosidade que lhes dá representação numerosa em congressos e reuniões internacionais, enfim o prestígio que incorpora algumas das suas produções, como a *Bibliografia da Literatura Latina*, agora mesmo publicada pelo Prof. Herescu, no número das obras básicas do classicismo contemporâneo. Por outro lado ainda, teremos exemplo e sugestão na própria individualidade de quem nos vai falar: bom padrão, com efeito, para classicistas portugueses, o currículo de um jovem latinista que se doutora antes dos trinta anos, após estudos feitos sob a orientação de Marouzeau, Ernout e Bayet, adquire, desde muito novo, particular autoridade na crítica verbal de textos latinos, e, depois de variadíssimos artigos, recensões bibliográficas, traduções em prosa e em verso, dá a lume a monumental edição dos *Aratea* de Cícero.

Sr. Doutor Victor Buescu: - em nome da Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, agradeço a preciosa colaboração que V. Ex.^a vem trazer a este sector da Faculdade de Letras de Coimbra. Não quero deixar de congratular-me com uma circunstância que sei ter-lhe sido particularmente grata: a coincidência da inauguração deste instituto e da sua participação nos respectivos trabalhos com a data histórica da independência do seu Nobre país.

Duas palavras ainda, antes de terminar.

Tendo solicitado logo para hoje a colaboração de um estrangeiro insigne, a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos deseja declarar, muito a propósito, que deliberada e sistematicamente recorrerá ao concurso de estrangeiros, do qual não saberia eximir-se para levar por diante a sua cruzada de classicismo. E é em mestres de outros países - alemães, franceses, ingleses, italianos e quantos mais - que sobretudo haurimos o saber moderno com que podemos ensinar as letras antigas, não faria sentido que, por preconceitos nacionais, nos abalançássemos a desenvolver sozinhos, à margem da experiência alheia, um instituto universitário consagrado a essas letras. Onde cedêssemos a tais preconceitos, começaríamos a violar a pura essência do espírito científico, que não tolera particularismos nacionalistas, além de nos tornarmos menos dignos do nosso próprio passado, de tempos como aqueles

em que Portugal era grande no latim e no grego, e mesmo assim chamava de várias bandas, para a sua Atenas, quem os ensinasse de parceria com alguns dos seus.

Recorreremos, pois, a estrangeiros, sem constrangimento de qualquer sorte. Pedir-lhes-emos conselho, sugestão, auxílio directo em muitos dos trabalhos que empreendermos: nas nossas investigações, nas nossas publicações, nas nossas conferências. E, quando houvermos de recebê-los em actos públicos, não sentiremos desdobra em lhes fazer, ao mesmo tempo por urbanidade e por noção das nossas limitações, o que os Lacedemónios, em suas públicas solenidades, costumavam fazer aos cidadãos de fora: dar-lhes-emos, sem custo, os melhores lugares.

Série

Documentos

•

Coimbra
Imprensa da Universidade

2005